

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH/CAMPUS III
PROJETO: ESTUDOS LEXICOGRÁFICOS DO SEMIÁRIDO**

OFICINA LIVRE

LEXICOGRAFIA CULTURAL DO SEMIÁRIDO



Coordenador

Cosme Batista dos Santos (UNEB)

Projeto de oficina lexicográfica
apresentado às Coordenações dos
Cursos de Licenciaturas da UNEB

Juazeiro, 11 de junho de 2013

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O semiárido é um território ainda pouco estudado do ponto de vista lexicográfico. A ausência da formação e de estudos efetivos nesse campo por mais tempo poderá contribuir para o aprofundamento da invisibilidade e das distorções dos sentidos locais produzidos em cada lugar e tempo por diferentes povos e grupos sociais. Na escola, por exemplo, não é raro encontrarmos, principalmente em livros didáticos e em dicionários tradicionais, signos distorcidos do semiárido e do sertão. Normalmente, esses suportes tendem a reduzir essa realidade a uma foto de mato seco ou de chão rachado e, quase sempre ignoram o povo sertanejo como produtor de sentidos e de significados culturalmente relevantes.

A formação do aluno de licenciatura em letras na área de lexicografia poderá diminuir e muito essa lacuna, uma vez que fortalecidos através desse suporte teórico e prático os professores de letras em formação deverão propor rotinas de análise crítica dos materiais didáticos, a saber, dos livros e didáticos e dos dicionários, desfazer os verbetes estereótipos, aprofundar o conhecimento do universo lexical dos estudantes e editar novos verbetes, a partir da realidade cultural e sociolingüística do semiárido.

A oficina aqui proposta para os cursos de letras da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é parte das ações do projeto de pesquisa Estudos Lexicográficos do Semiárido, apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), e será realizada em 03 (três) etapas, a partir dos seguintes tópicos: etapa 1, conhecimento e descrição do corpus, etapa 2, revisão da literatura pertinente para a formação em lexicografia e, finalmente, etapa 3, a produção e publicação do gênero verbete, valorizando o verbete polissêmico e multimodal. A carga horária de cada etapa é de 20 horas, podendo haver alteração em função do desempenho do grupo.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral:

Introduzir os estudos lexicográficos no curso de licenciatura em letras da Plataforma Freire, tendo em vista a análise crítica dos dicionários e à produção de verbetes culturalmente relevantes para a convivência com o semiárido baiano.

2.2. Objetivos específicos:

- a) Estudar o conceito de lexicologia, lexicografia e de lexicografia cultural.
- b) Conhecer a realidade lexical do semiárido baiano, através da exploração do corpus da *Língua Falada no Semiárido* (Carneiro, Pinheiro e Almeida, 2008)
- c) Analisar dicionários escolares a partir das noções básicas da etnolexicografia
- d) Editar verbetes para uso em sala de aula nas séries iniciais.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os estudos sobre o léxico, numa vertente culturalmente situada, valoriza a relação entre as diferentes lexias e os povos que as usam. A rigor não é apenas o conhecimento da estrutura lingüística da unidade lexical que interessa, mas fundamentalmente, o que as pessoas manifestam e como se manifestam através dela. Dessa forma, os cursos de formação em lexicografia cultural deve ser orientar por questões do tipo:

- a) Quais as variantes lingüísticas e lexicais em uso no contexto do semiárido?
- b) Qual é a identidade cultural que os usos lexicais revelam nas práticas de linguagem?
- c) Qual é identidade lexical que nos faz conhecer a região, a cultura e os usuários da língua?

O léxico, assim, não pode ser reduzido a uma lista de palavras. As palavras revelam a identidade sociolingüística e cultural do grupo social que as usa e as condições sociais e históricas em que são usadas (ISQUERDO, 1998; MARCUSCHI, 2004). Alguns estudos, seguindo essa vertente, têm se dedicado à etnolexicografia (PEREZ, 2000), por exemplo, investigando os significados das lexias das línguas indígenas nos dicionários de língua portuguesa e investigando a influência cultural e geográfica na definição da identidade lexical da região e/ou local.

Aparecida Neri Isquerdo realizou um estudo sobre o “vocabulário regional na Amazônia acreana”. Trata-se de um estudo sobre o vocabulário do seringueiro do Estado do Acre que objetivou inventariar, descrever e analisar aspectos do léxico utilizado pelo grupo com vistas a verificar em que medida esse nível da língua pode retratar a realidade física, social e cultural da região acreana e do grupo de seringueiros em particular. Em seu estudo, a pesquisadora aponta como uma das suas conclusões:

O predomínio de lexias não dicionarizadas e de emprego específico do grupo recai no campo referente à atividade da seringa (...). Por integrarem o vocabulário básico do grupo com significação já cristalizada no âmbito dos seringais, essas lexias são próprias e específicas de um subsistema regional. Por nomearem referentes

muito particulares de um tipo de atividade extrativista, quando ocorre, é resultado de um processo muito lento. Dessa forma, essa parcela significativa de unidades lexicais enriquece sobremaneira o universo lexical da língua portuguesa do Brasil com regionalismos característicos de uma região notadamente marcada pelas suas peculiaridades físico-culturais, econômicas e linguísticas (ISQUERDO, 1998 p. 103).

A introdução dos estudos lexicográficos no processo de ensino-aprendizagem é, portanto, uma experiência de letramento intercultural valorizada nesta oficina. No nosso entendimento, a escolarização da prática lexicográfica como parte da pesquisa trará importantes implicações no letramento dos professores e dos alunos indígenas, pois permite uma formação em sociolinguística e em lexicografia para ambos. Além disso, fortalece a identidade profissional, desmobiliza preconceitos linguísticos em relação aos falares do semiárido, suas línguas e suas culturas. Além disso, terá como um dos seus produtos a edição de verbetes ilustrados a serem utilizados pelos alunos e professores nas escolas públicas sertanejas.

A rigor, a produção do verbete, como gênero de ensino-aprendizagem, centraliza o conhecimento da língua em suas dimensões sintático-semânticas e pragmáticas, mas favorece o conhecimento da cultura local em questão e, ainda, o seu conhecimento semiótico, através da edição de imagens para ilustração dos textos de verbetes. Trata-se, a rigor, de uma intervenção com formação, a partir de demandas que são efetivamente próprias dos professores, uma vez que os dicionários da língua portuguesa não dão conta da complexidade lingüística dos povos e, além disso, não representam em termos de significados a realidade vivenciada pelos membros da comunidade, havendo a necessidade de reinventar a escrita dos verbetes e dos dicionários como parte da formação e do letramento do professor e dos alunos.

Outro aspecto importante, também decorrente deste projeto, está ligado aos modos de investigação sobre a identidade lexical regional, por exemplo, destacando o fato de que o isolamento em termos geográficos e sociais e, inclusive, as dificuldades acesso aos meios de comunicação de massa, motivam certa estabilidade lexical na língua falada que, por sua vez, é partilhada e passada de geração para geração sem significativas alterações.

4. METODOLOGIA E EXECUÇÃO DA OFICINA

4.1 Antecedentes

A proposta de oficina que estamos apresentando é, a nosso ver, um trabalho de pesquisa-ação-formação, isto é, uma pesquisa que, no seu desenvolvimento, é feita com os professores e com os alunos, visando à formação desses sujeitos e, ao mesmo, a investigação acerca da realidade lexical do semiárido

Elizângela Cardoso, uma professora inventora e em formação no curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus III, realizou, sob a nossa orientação, um estudo piloto no município do Uauá sobre a lexicografia sertaneja (CARDOSO, 2012). Em seu trabalho, ela analisou um *corpus* contendo itens lexicais culturalmente relevantes da região de Canudos, mais especificamente, no município de Uauá (BA). Com a colaboração dos alunos de Língua Portuguesa do ensino médio, Cardoso fez um levantamento de aproximadamente 500 palavras em uso nas comunidades urbanas e rurais do município. Essas palavras foram transformadas em verbetes, como foi o caso da palavra *Bacuri*, abaixo.

BACURI – s.m. 1. *Porco pequeno*, 2. *Menino*. Ex: 1. *Leve a lavagem para o bacuri*. 2. *Esse bacuri já fala que nem homem feito*.

O estudo se baseou em uma visão sociocultural do léxico e sugere que a estruturação do gênero verbete deve considerar os seguintes campos constituintes: *entrada, categoria gramatical, fonte, área, definição e, por fim, o contexto* (DIONISIO, 2007).

No processo, a equipe liderada por Cardoso envolveu estudantes e professores de língua portuguesa para, entre outras atividades, entrevistar moradores antigos das comunidades sertanejas, transcrever os itens lexicais mais estáveis nas narrativas. Trata-se, a rigor, de uma intervenção a partir de demandas que são efetivamente próprias dos professores e dos alunos, uma vez que os dicionários da língua portuguesa não dão conta da complexidade linguística dos povos sertanejos e, além disso, não representam em termos de significados a realidade vivenciada pelos membros da comunidade, havendo a necessidade de reinventar a escrita dos verbetes e dos dicionários como parte da formação e do letramento escolar.

4.2. O corpus

O corpus básico da pesquisa é a Amostra de língua falada no semiárido baiano, que foi organizado pelas pesquisadoras da Universidade Estadual de Feira de Santana: Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, Adriana de Santana Soares Pinheiro e Norma Lúcia Fernandes de Almeida. O corpus contém um vasto acervo dos léxicos da língua falada no contexto do semiárido e será explorado, durante as oficinas a serem realizadas em dois momentos, a saber, **06 a 08 de novembro** e de **20 a 22 de novembro de 2013**, em 03 etapas subseqüentes.

4.3. Etapas

PRIMEIRA ETAPA

Objetivo: conhecer o corpus

c.h 20 horas

a) Descrição geral do corpus

Os professores ou os alunos em formação terão acesso aos métodos de constituição do corpus, regras de transcrição e perspectivas para os estudos da língua falada na região, incluindo a lingüística história, a sociolingüística e a lexicografia.

c.h. 10 horas

b) Seleção lexical

Os professores ou os alunos em formação farão a seleção dos itens lexicais em uso pelos informantes, a partir de temática cultural que se reflete na culinária (umbuzada, buchada, sarapatel, etc); na flora (umbu, cajarana, umbuzeiro, pau-de-rato, catingueira, etc); na fauna (bode, cabrito, jegue, preá, etc.); nas

manifestações folclóricas (forró, xote, samba de véi, quadrilha, etc.); nas tecnologias sociais (zabumba, pote, purrão, etc.).

c.h. 10 horas

SEGUNDA ETAPA

Objetivo: realizar estudos lexicais e lexicográficos

c. h. 20 horas

a) Revisão da literatura

Os professores ou os alunos irão rever conceitos básicos de lexicografia, incluindo a abordagem etnolexicográfica e as noções de verbetes lexicográficos. Para isso, será apresentada uma bibliografia básica, contendo textos curtos e fundamentais para a formação teórica do grupo, envolvendo os seguintes temas: a prática lexicográfica, os estudos lexicográficos, a cultura e a etnolexicografia do sertão semiárido, o verbete lexicográfico e uso do dicionário nas escolas.

c.h. 10 horas

b) A lexicultura do semiárido na literatura e nos dicionários

Os professores ou os alunos farão a análise dos significados das palavras do corpus, tal como é dado pelos informantes ou inferidos pelos educadores, e a análise desses significados em dicionários de língua portuguesa aprovados pelo Ministério da Educação e disponíveis nas bibliotecas escolares. Após essa análise, as definições dos léxicos dicionarizadas serão comparadas com as acepções culturalmente partilhadas no corpus e nas comunidades.

c.h. 10 horas

TERCEIRA ETAPA

Objetivo: produzir o gênero verbete

c.h 20 horas

a) Edição de verbetes

Os professores ou os alunos em curso farão a edição de verbetes, tendo em vista a incorporação das acepções extraídas do corpus ou conferida nos contextos de uso. O trabalho será feito no laboratório de redação e irá requerer, além do conhecimento do gênero verbete, a experiência da fotografia e da ilustração, quando os alunos farão usos dos conhecimentos básicos de lexicografia, de fotografia e de semiótica acessados durante o curso de licenciatura em letras.

c.h. 10 horas

b) Publicação de verbetes

Os professores ou os alunos em formação farão a última atividade da oficina, que consiste em inserir os verbetes produzidos durante a oficina no dicionário online LEXISS Lexicografia Intercultural do Sertão Semiárido.

5. IMPACTOS E RESULTADOS PREVISTOS

Os verbetes produzidos, como produto da pesquisa, além de tornar viva a realidade sociolinguística do semiárido, como uma parte de sua riqueza cultural, também levará em conta os processos formativos, já que a produção desse material será acompanhada pelos sujeitos da pesquisa e pretende ser, além do registro escrito da memória lexical, uma demanda de letramento de educadores, estudantes e moradores, de forma que esses sujeitos também se tornem guardadores da sua língua e do seu acervo lexical.

Concretamente, o projeto irá produzir uma lexicográfica intercultural da região para uso nas escolas. A oficina ainda pode contar como um dos seus resultados a formação prática em lexicografia para atuação em cada um dos municípios envolvidos na pesquisa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Norma L. e CARNEIRO, Zenaide. **Amostras da língua falada no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS, 2009.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ARAGÃO, Maria do Socorro. **A Linguagem Regional-Popular no Nordeste do Brasil: Aspectos Léxicos**. In: IX Simpósio Internacional de Comunicación Social, Santiago de Cuba. Actas I. Santiago de Cuba - Cuba : Centro de Lingüística Aplicada - Santiago de Cuba, 2005. v. I. p. 457-459. Disponível em: <http://www.profala.ufc.br/Trabalho2.pdf>. Acesso em 01.12.2011

ARAGÃO, Maria do Socorro. **Falares nordestinos: aspectos socioculturais**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis : Vozes, 1980.. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ6_18.htm. Acesso em 16/12/2011

BIDERMAN, Maria Tereza C.. **Os dicionários na contemporaneidade: arquiteturas, métodos e técnicas**. In: OLIVEIRA, Ana M. Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**. 2ª Ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 131-144. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~pead/tema05/formacaolexico.html>. Acesso em 10.12.2011

BIDERMAN, Maria Tereza C. **O dicionário como norma na sociedade. Lexicologia, Lexicografia e terminologia: questões conexas**: anais do 1 Encontro Nacional do GT de Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. 22-24 de abril de 1995, UFRJ – Rio de Janeiro. Cursos de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras UFRJ e em Letras e Linguística da faculdade de Letras UFPE: CNPq, 1998b. p. 161-180. Disponível em: Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~pead/tema05/formacaolexico.html>. Acesso em 10.12.2011

BIDERMAN, Maria Tereza C. **A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil**. In: José Horta Nunes e Margarida Petter. História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP: Pontes, 2002.

CARDOSO, Elisângela. **A sociolinguística sertaneja: uma experiência lexicográfica em escola pública de Uauá-Ba**. Juazeiro: UNEB-DCH, 2012.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. São Paulo: Vozes, 1995.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Gêneros textuais e ensino**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

GONÇALVES, Solange A. **Por um planejamento linguístico local**. Revista Investigações. Vol. 22, no 2, Julho/2009.

ISQUERDO, Aparecida N. **Vocabulário regional da Amazônia acreana**. São Paulo: ALFA p. 93-107. 1998.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **A propósito de dicionários de regionalismo do português do Brasil**. In: ALVES, I.N.; ISQUERDO, A.N. (orgs). **As ciências do Léxico**. Campo Grande: UFMS, 2007. Disponível em:
<http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex /viiengtlex /pdf/> . . Acesso em 16.12.2011

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos**. In: MARIN, Jérri R.; VASCONCELOS, Cláudio A. (orgs). **História, região e identidades**. Campo Grande: UFMS, 2003. Disponível em:
<http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex /viiengtlex /pdf/> . Acesso em 16.12.2011

MARCUSHI, Luiz A. **O léxico: lista, rede ou cognição social?**. In. Lígia Negri, Maria José Foltran e Roberta Oliveira (Orgs.). **Sentido e Significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004.

NUNES, J. Horta e PETTER, Margarida Petter. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP: Pontes, 2002.

PRETI, Dino. **Sociolinguística – os níveis de fala**. São Paulo: EDUSP, 2003

SANTOS, Cosme B. **Letramento e comunicação intercultural**. In. Edleise Mendes e Lúcia Castro (orgs.). **Saberes em Português**. Campinas: Pontes, 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 4ªed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

XATARA, Claudia; BEVILACQUA, CleciR. e HUMBLÉ, Philippe R. Marie (Org.) **Dicionários na Teoria e na Prática. Como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola, 2011.